

ELAS SEMPRE FORAM DE LUTA!



*“Emancipação das mulheres,
uma luta socialista”*

Oswaldo Bertolino

SINDSEP-DF CUT

Brasília/DF, 2012
2ª Edição



Elas sempre foram de luta!

Diretoria do Sindsep-DF Triênio 2010/2013

■ SECRETARIA GERAL

Coordenador: Oton Pereira Neves - MS
Reinaldo Magalhães Redorat - MPlanejamento
Elizabeth Gomes de Andrade - MDIC

■ SECRETARIA DE ORGANIZAÇÃO E PATRIMÔNIO

Coordenador: José Lourenço da Silva - Bacen
Francisco Rodrigues Lima - AGU
Antonia Ferreira da Silva - Funasa

■ SECRETARIA DE FINANÇAS

Coordenador: Manoel Antonio Rodrigues - FNDE
Benedito da Silva Maia - MP
Maria de Jesus Santana da Silva - INCRA

■ SECRETARIA DE FORMAÇÃO

Coordenadora: Mirian Vaz Parente - IBAMA
Luis Henrique Donadio Baptista - M.Planejamento
Lourdes Batista Magalhães - MTE

■ SECRETARIA DE ASSUNTOS JURÍDICOS

Coordenador: Reinaldo Felipe dos Santos - MF
João França Lopo - MEC
Inácio Pinheiro Lima - Imprensa Nacional

■ SECRETARIA DE FILIAÇÃO E POLÍTICA SINDICAL

Coordenadora: Thereza Chistina de Alencar Silveira - FUNAI
Isanete Soares de Oliveira - MAPA
Juvenal Gonçalves de Souza Lima - ENAP

■ SECRETARIA DE APOSENTADOS E SAÚDE DO TRABALHADOR

Coordenadora: Maria Licia Moraes Braga - MPS
Ivaldelice Pereira da Silva - MPS
Maria Gilza Ribeiro Fardin - Comando do Exército/
Aposentada

■ SECRETARIA DE MOVIMENTOS SOCIAIS, GÊNERO E RAÇA

Coordenador: Pedro de Alcântara Costa - IBAMA
Aldenora Maria de Oliveira - M.Agricultura
Adriana Maria da Conceição - HFA

■ SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA

Coordenador: Carlos Henrique Bessa Ferreira - FUNASA
Moisés Alves da Consolação - M. Agricultura
Reginaldo Dias da Silva - Comando da Aeronáutica

■ SECRETARIA DE ESTUDOS SÓCIO ECONÔMICO E EMPRESAS PÚBLICAS

Coordenadora: Joalita Queiroz de Lima - CONAB
Erico Grassi Cademartori - MMA
Cláudio Pereira Santana - MRE

■ SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERSINDICAIS E PARLAMENTARES

Coordenador: João Luiz Batista - ABIN
José Francisco dos Santos - M.Justição
César Henrique Melchhiades Leite - FUNASA

■ DIRETORES EFETIVOS DA DIREÇÃO

Luiz Henrique Lima Rocha - ABIN
Valda Eustaquia Cardoso de Souza - HFA
Fenelina Pereira Rehem - BACEN

■ DIRETORES SUPLENTE DA DIREÇÃO

Janice Gomes Alves - MEC
Manoel Messias Ferraz Sobreira - MPS
Ada Regina Nogueira Viana - M Saúde

■ CONSELHO FISCAL - MEMBROS EFETIVOS

Inácio Pereira do Nascimento - MRE
Enos Barbosa de Souza - CONAB
Maria do Rosário da Costa e Silva - MEC

■ CONSELHO FISCAL - MEMBROS SUPLENTE

Ildévina Gonçalves Justus - HFA
Aristides Meira de Souza - FNDE
Gerson Henrique Sternadt - IBAMA

Elas sempre foram de luta!



Sumário

▪ Apresentação	5
▪ Rosa Luxemburgo	6
▪ Bárbara de Alencar	10
▪ Flora Tristan	11
▪ Anita Garibaldi	12
▪ Louise Michel	13
▪ Ana Bentancourt	14
▪ Chiquinha Gonzaga	15
▪ Clara Zetkin	17
▪ Voltairine de Cleyre	18
▪ Emma Goldman	19
▪ Alexandra Kollontai	20
▪ Inessa Armand	23
▪ Olga Benário	24
▪ Pagu	25
▪ Maria Margarida Alves	26
▪ Lélia Gonzalez	27
▪ Angela Davis	29

Elas sempre foram de luta!



Apresentação

A história da luta da classe trabalhadora sempre contou entre suas fileiras com inúmeras companheiras – operárias, camponesas, sindicalistas, trabalhadoras em todos os setores. E o 8 de março é uma homenagem a todas as mulheres, mas, em primeiro lugar, às lutadoras da nossa classe.

Desde 1909, socialistas do mundo todo, primeiro nos Estados Unidos, depois em outros países, vêm comemorando o Dia das Mulheres, inicialmente no último domingo de fevereiro. A diferença do calendário no Ocidente e na Rússia explica a adoção do 8 de março: em 1917, o último domingo de fevereiro na Rússia (23 de fevereiro), coincidiu com o 8 de março ocidental. E nesse dia, as mulheres russas saíram às ruas em números gigantescos, reivindicando melhores condições de vida, o fim da guerra e o fim da autocracia. As tentativas do governo do Tsar de reprimir as manifestações resultaram na sua radicalização, levando afinal à Revolução de Fevereiro.

Esta publicação do Sindsep-DF, que é a segunda edição e que traz novos históricos, como não poderia deixar de ser, homenageia as mulheres trabalhadoras e lutadoras nesta data, lembrando algumas que marcaram época, e que aqui representam outros milhares e milhões, que não cabem nesta edição – e em especial Rosa Luxemburgo, a revolucionária polonesa e alemã nascida em 5 de março, e Alexandra Kollontai, que organizou e liderou as manifestações do Dia Internacional da Mulher, em 1917, na Rússia.

Brasília, março de 2012

Diretoria do Sindsep-DF
Gestão 2010/2013



Elas sempre foram de luta!

Rosa Luxemburgo (1871/1919)

"Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem"

Nascida em 5 de março de 1871, em Zamosc (hoje na Polônia, na época, parte do Império Russo), Rosa Luxemburgo foi uma das mais importantes teóricas marxistas do final do século XIX e início do XX. Estudou Direito e Economia Política em Zurique, Suíça; depois radicou-se na Alemanha, onde aderiu ao Partido Social-Democrata, onde viria a liderar a ala esquerda. Sua primeira contribuição teórica de vulto foi *Reforma ou Revolução*, onde refuta a política de Edward Bernstein, que acreditava numa possível transição gradual ao socialismo.



Rosa Luxemburgo

Elas sempre foram de luta!



Não rompeu porém seus vínculos com a Polônia, onde organizou, em 1903, com Leo Jogisches, o Partido Social-Democrata da Polônia, cujo periódico *Sprawa Robotnicza* (A Causa dos Trabalhadores) editou. Participou então da Revolução Russa de 1905, tendo por esse motivo sido presa em Varsóvia. Sua obra *A Greve de Massas, o Partido Político e os Sindicatos* analisa as lições dessa revolução fracassada.

De volta à Alemanha, dedicou-se à atividade de formação política do Partido Social-Democrata, de 1907 a 1914. Neste período, escreveu e publicou *A Acumulação do Capital*, brilhante análise das causas e do funcionamento do imperialismo.

O início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, dividiu e desmoralizou o Partido Social-Democrata. Contrariamente a toda tradição socialista anterior, que se opunha às guerras entre as potências imperialistas, o Partido Social-Democrata Alemão (como aliás, a maioria dos Partidos Social-Democratas da época) apoiou a guerra, sob o pretexto de que se tratava de uma guerra contra a Rússia, na época o mais reacionário dos Estados europeus.

Rosa opôs-se decididamente a essa linha, sustentando a necessidade de lutar contra o capitalismo, e não contra os trabalhadores de outros países. Com outros líderes da esquerda do partido, organizou então a Liga Espártaco (*Spartakusbund*, em alemão) em oposição à direção partidária.



Elas sempre foram de luta!

© Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz / Herbert Hoffmann



Rosa Luxemburg discursa em evento do Partido Social-Democrata Alemão

Em 1916, a Liga Espártaco organizou uma manifestação de massa contra a guerra em Berlim. Em consequência, Rosa e outros líderes da organização foram presos. Na prisão, Rosa escreveu *A Revolução Russa*, em que avalia a atuação dos Bolcheviques na luta contra o tzarismo, e critica duramente os seus métodos anti-democráticos.

Em 1918, a derrota da Alemanha na guerra resultou na queda da monarquia, com o Partido Social-Democrata assumindo o poder. Trabalhadores organizados em conselhos assumiram o poder, deixado vago pela falência do Estado. Mas, a liderança social-democrata, corrompida pelo reformismo, dedicou-se a restabelecer a “normalidade”, desarmando os conselhos e apoiando a reestruturação do Estado. A Liga Espártaco decidiu

Elas sempre foram de luta!



então tentar se opor, de armas na mão, a essa estratégia contra-revolucionária.

Rosa se opôs a essa tentativa, que achava não ter condições de sucesso; mas foi derrotada na discussão interna, e, submetendo-se à disciplina partidária, participou e liderou a revolta. O Exército alemão e os *Freikorps* (“Corpos livres”, organizações de ex-soldados dispensados pelo Exército derrotado) esmagaram a rebelião e prenderam seus líderes, entre eles, Rosa Luxemburgo. Ela e Karl Liebknecht foram assassinados pelos *Freikorps* logo após serem detidos.

REUTERS/fabrizio Bensch



Bandeira com as efígies de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em uma manifestação da esquerda alemã



Elas sempre foram de luta!

Bárbara de Alencar (1760-1832)

*“Eu preferi a sorte ingrata dos meus filhos
a receber favores de tirano”*

Nascida em 1760, na cidade de Exu, Pernambuco, Bárbara de Alencar foi uma revolucionária da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador. Ainda adolescente, mudou-se para o Ceará e casou-se com um português, com quem teve três filhos, todos revolucionários como ela.

Bárbara é considerada a primeira prisioneira política da história do Brasil, quando esteve detida em uma das celas da fortaleza de Nossa Senhora de Assunção durante a Revolução Pernambucana de 1817. Fugiu da perseguição política por muitos anos, peregrinando pelo país, até morrer em 1832 no Piauí. A revolucionária foi sepultada no Ceará e hoje seu túmulo está em processo de tombamento.

Em homenagem a Bárbara de Alencar existe uma premiação anual e um centro administrativo em Fortaleza, ambos batizados com o nome da heroína, além de uma estátua situada na Praça da Medianeira, também em Fortaleza.



**Bárbara
de Alencar**

Elas sempre foram de luta!



Flora Tristán (1803/1844)

“Que contraste revoltante existe na Inglaterra entre a escravidão das suas mulheres e a superioridade intelectual das suas escritoras”

Nascida em 1803, Flora Tristán foi uma das primeiras socialistas modernas, autora de *A União Operária* e *A Emancipação da Mulher*. Ao contrário dos socialistas anteriores, chamados “utópicos” (Saint-Simon, Owen, Fourier), que acreditavam ser possível chegar ao socialismo por meio de concessões dos ricos ou dos governos, Flora foi a primeira a articular claramente o princípio de que “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”.



Flora Tristán



Elas sempre foram de luta!

Anita Garibaldi (1821-1849)

“Não acredito em verdades relativas. Para mim, a verdade tem que ser absoluta. Uma verdade relativa é uma meia-verdade e uma meia-verdade não passa de uma meia-mentira”

Ana Maria de Jesus Ribeiro, mais conhecida como Anita Garibaldi, foi a companheira do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, conhecida como a “Heróina dos Dois Mundos”. Ela é considerada, até hoje, uma das mulheres mais fortes e corajosas da época. Eles se conheceram durante a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, que lutava pela independência gaúcha e de outros territórios.

Em 20 de outubro de 1839, Anita decide seguir Garibaldi, subindo a bordo de seu navio para uma expedição militar. Em Imbituba recebeu o batismo de fogo, quando a expedição corsária foi atacada pela marinha imperial do Brasil. Dias depois, em 15 de novembro, Anita confirma sua coragem sem fim na famosa batalha naval de Laguna, contra Frederico Mariath, na qual se expõe a grande risco de morte, atravessando uma dúzia de vezes a bordo da pequena lancha de combate para trazer munições em meio a uma verdadeira carnificina.

Considerada, no Brasil e na Itália, um exemplo de dedicação e coragem, Anita foi homenageada pelos brasileiros com a designação de dois municípios, ambos no estado de Santa Catarina: Anita Garibaldi e Anitápolis. Muitas cidades brasileiras possuem também ruas e avenidas com seu nome, como a avenida Anita Garibaldi, em Salvador, Bahia.



Anita Garibaldi

Elas sempre foram de luta!



Louise Michel (1830/1905)

“Sou ambiciosa quanto à humanidade: gostaria que todos fossem artistas, e tão poéticos que toda vaidade humana desaparecesse”

Revolucionária, Louise Michel, francesa nascida em 1830, uma das dirigentes da Comuna de Paris (1871). Professora, suas iniciativas por uma educação mais livre e moderna foram reprimidas pelo governo de Napoleão III (1852-1870). Louise participou, durante a ditadura bonapartista, dos clubes republicanos e socialistas clandestinos. Durante a Comuna de Paris, foi responsável pela educação, mas também tomou parte nos combates armados contra a reação.



Louise Michel



Elas sempre foram de luta!

Ana Betancourt (1832/1901)

“Quando chegar o momento de libertar a mulher, o cubano que pôs abaixo as escavidão de nascença e a escavidão da cor, consagrará também sua alma generosa à conquista os direitos dela que é hoje na guerra sua irmã de caridade, abgnada, e que amanhã será, como foi ontem, sua companheira exemplar de formação”

Heroína nacional cubana, Ana Betancourt, nascida em 14 de dezembro de 1832, tomou parte ativa na insurreição contra o colonialismo espanhol. Sua casa em Camaguey foi um centro revolucionário, dando guarida aos perseguidos pelas autoridades coloniais. Defendeu os direitos das mulheres, fazendo propostas nesse sentido à Assembleia Nacional Cubana.



Ana Betancourt



Chiquinha Gonzaga (1847-1935)

***"Já não há nenhum escravo
Na fazenda do sinhô;
Tudo é bolícionista,
Até mesmo o imperadô"***

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a Chiquinha Gonzaga foi uma compositora, pianista e regente brasileira, que lutou contra os preconceitos e viveu a frente de sua época. Foi a primeira choro-na, primeira pianista de choro, autora da primeira marcha carnavalesca (*Ô Abre Alas*, 1899) e também a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Neta de uma escrava alforriada, Chiquinha Gonzaga teve ativa participação no Movimento Abolicionista, que culminou com a libertação dos escravos no Brasil em 1888. Estava ao lado de nomes históricos do movimento, como Paula Nei, Lopes Trovão e José do Patrocínio.

Chiquinha se engajou também no Movimento Republicano, que lutava pela queda da monarquia. Fato conquistado em 1889. Mas logo se decepcionou com o novo governo. Em 1893, durante a Revolta da Armada, sua música "Aperte o Botão" foi considerada ofensiva pelo então presidente Floriano Peixoto. A partitura foi apreendida e ela chegou a receber ordem de prisão, que não se concretizou por ter pessoas influentes na família.



Chiquinha Gonzaga



Elas sempre foram de luta!

Outra de suas bandeiras foi a defesa dos direitos autorais, sendo uma das pioneiras nessa luta. Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, ela atentou para o problema quando viu suas composições serem reproduzidas na Europa com crédito de um estrangeiro, Fred Figner, que, na época, era proprietário da Casa Edison, no Rio. Fundou a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) em 1917, entidade que frequentou até o fim da vida.

Elas sempre foram de luta!



Clara Zetkin (1857/1933)

“Os capitalistas especulam com os dois seguintes fatores: à mulher trabalhadora deve-se pagar o mínimo possível, e à competição do trabalho feminino deve ser empregada para rebaixar os salários dos homens trabalhadores tanto quanto possível”

Nascida em 5 de julho de 1857 em Wiederau, Alemanha, militou desde jovem no Partido Social-democrata Alemão, de cuja ala esquerda, juntamente com Rosa Luxemburgo e Franz Mehring, foi um dos principais expoentes. Fundou, em 1892, e dirigiu até 1916 o periódico *Gleichheit* (Igualdade). Em 1907, participou da organização do I Congresso de Mulheres Socialistas. No II Congresso de Mulheres Socialistas, em 1910, propôs a realização do primeiro Dia Internacional das Mulheres (o primeiro Dia das Mulheres, em 1909, foi realizado apenas nos Estados Unidos). Durante a I Guerra Mundial, lutou corajosamente contra a política belicista, inclusive organizando, na Suíça, um congresso internacional de mulheres contra a guerra.



Clara Zetkin



Elas sempre foram de luta!

Voltairine de Cleyre (1866/1912)

*“Morro como vivi, um espírito livre e um anarquista,
independente dos senhores, seja na terra, seja no céu”*

Militante anarquista norte-americana nascida em 1866, livre-pensadora, autora de numerosos livros e folhetos. Inicialmente próxima da corrente individualista do anarquismo, mais tarde aproximou-se da corrente anarco-comunista de Emma Goldman. Foi também uma das primeiras ativistas dos direitos das mulheres, tendo denunciado veementemente a tirania doméstica a que na época estavam submetidas as mulheres casadas.



Voltairine de Cleyre

Elas sempre foram de luta!



Emma Goldman (1869/1940)

“Quando, no curso do desenvolvimento humano, as instituições existentes se mostram inadequadas às necessidades do homem, quando servem apenas para escravizar, roubar e oprimir a humanidade, o povo tem o direito eterno de se rebelar e derrubar essas instituições”

Nascida em 27 de junho de 1869, em Kaunas (hoje na Lituânia; na época, parte do Império Russo), Emma Goldman fugiu de casa e emigrou para os Estados Unidos aos 16 anos de idade, para escapar ao puritanismo opressivo e à indiferença de seus pais, que consideravam uma filha mulher um fardo financeiro. Operária têxtil, logo começou a participar das greves e mobilizações dos trabalhadores e trabalhadoras nos EUA, tornando-se liderança dos anarquistas, na época uma corrente importante do movimento operário.

Publicou a revista *Mother Earth* (Mãe Terra).



Emma Goldman



Elas sempre foram de luta!

Alexandra Kollontai (1872/1952)

"É somente pela luta revolucionária contra os capitalistas de todos os países, e somente pela unidade dos trabalhadores e trabalhadores do mundo inteiro, chegaremos a um novo e mais brilhante futuro: a irmandade socialista dos trabalhadores"

Alexandra Kollontai nasceu na Ucrânia, em 1872, filha de um general russo. A família não permitiu que ela frequentasse a escola, com receio de "más companhias". Em consequência, Alexandra casou-se cedo, "em parte como protesto contra os meus pais, declarou". Ela logo deixaria o marido, passando a dedicar-se a atividades de educação e caridade.



Alexandra Kollontai na Conferência Internacional das Mulheres, 1921



Essas atividades a colocaram em contato com a extrema miséria do povo russo, e ela começou a se interessar pelo marxismo. Durante a greve dos operários têxteis em São Petersburgo, em 1896, ela organizou a coleta para o fundo de greve. Nessa época começou também a escrever para publicações políticas, discutindo a situação dos trabalhadores. Nesse mesmo ano ela viajou à Suíça, onde estudou História do Trabalho.

De volta à Rússia, interessou-se pela luta pela independência da Finlândia, ajudando na organização sindical dos trabalhadores finlandeses e escrevendo *A Situação da Classe Operária na Finlândia*. Em 1903 aderiu ao Partido Operário Social-Democrata Russo. Durante a cisão do partido em Mencheviques e Bolcheviques, procurou manter-se equidistante das duas facções; depois aderiu aos mencheviques. Mas a publicação de seu livretinho *A Finlândia e o Socialismo*, em 1908, irritou as autoridades czaristas, e ela teve de se refugiar na Alemanha.



Alexandra Kollontai



Elas sempre foram de luta!

Com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, Alexandra assumiu uma postura decididamente anti-bélica, o que levou o governo alemão a expulsá-la para a Suécia (e o governo sueco a expulsá-la para a Noruega). Isso levou-a também a romper com os Mencheviques e aderir ao bolchevismo.

De volta à Rússia, participou ativamente das revoluções de fevereiro e outubro de 1917 (março e novembro, pelo nosso calendário).

Sua atuação foi importante, tendo liderado as manifestações do Dia Internacional das Mulheres, cuja repressão pelo czarismo acabou desencadeando a revolução de fevereiro.

Com a vitória da Revolução de Outubro, Alexandra tornou-se Comissária de Bem-Estar Social. Preocupada com a situação da democracia na Rússia revolucionária, participou da Oposição Operária, corrente interna do Partido Bolchevique.

Com a ascensão do estalinismo, Alexandra foi enviada como embaixadora à Noruega, depois ao México, e finalmente à Suécia. Essas posições provavelmente a salvaram da repressão stalinista, devido à sua grande exposição e reconhecimento internacional. Foi de fato a única pessoa a criticar abertamente a degeneração da Revolução a sobreviver aos expurgos de Stalin.



**Alexandra Kollontai em 1934, como
Embaixadora na Suécia**



Inessa Armand (1874/1920)

“Até as velhas formas de famílias, vida doméstica, educação e criação dos filhos são abolidas, é impossível eliminar a exploração e escravização, é impossível criar a nova pessoa, impossível construir o socialismo”

Revolucionária russa nascida na França em 8 de maio de 1874. Mudou-se para a Rússia em 1892, com o marido, onde fundou e dirigiu uma escola para filhos de camponeses. Passando a duvidar das possibilidades de reforma legal, Inessa aderiu ao Partido Social-democrata em 1903, e, na ocasião da cisão, aderiu aos bolcheviques em 1904. Exilada em 1910, tornou-se Secretária das organizações bolcheviques no exterior. Foi editora do periódico *Rabotnitsa* (A Mulher Trabalhadora), e, mais tarde, dirigente da *Zhenotdel*, organização dedicada à luta pela igualdade entre os sexos no Partido Bolchevique e nos sindicatos.



Inessa Armand



Elas sempre foram de luta!

Olga Benário Prestes (1908-1942)

*“Eu gostaria que soubessem que cumpri duas tarefas:
uma do Partido e outra do meu coração”*

Militante política alemã, nascida em 1908. Quando da volta de Luís Carlos Prestes ao Brasil, foi destacada pela Internacional Comunista para coordenar a segurança do revolucionário brasileiro, com o qual acaba se casando. Com o fracasso do levante comunista de 1935, Olga é presa, e, num dos episódios mais vergonhosos da política externa brasileira, extraditada pela ditadura Vargas para a Alemanha nazista, embora estivesse grávida da filha de Prestes, Anita Leocádia. Judia de nascimento, Olga foi internada no campo de concentração de Ravensbrück e posteriormente assassinada na câmara de gás do campo de extermínio de Bernburg.



*Olga Benário
Prestes*

Elas sempre foram de luta!



Pagu (1910/1962)

“Esse crime, o crime sagrado de ser divergente, nós o cometeremos sempre”

Pagu, ou Patrícia Rehder Galvão, poeta brasileira nascida em 9 de junho de 1910, foi a primeira mulher a ser presa política no Brasil do século XX, por ter apoiado uma greve de estivadores em Santos, em 1931. Presa novamente em função do levante frustrado de 1935, foi militante do Partido Comunista até se incompatibilizar definitivamente com a linha estalinista da direção do PCB, em 1940, mesmo ano em que saiu da prisão.



Pagu



Elas sempre foram de luta!

Maria Margarida Alves (1933/1983)

“Da luta eu não fujo”

Trabalhadora rural presidente do Sindicato de Trabalhadores rurais de Alagoa Grande (Paraíba), uma das pioneiras da luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais no Brasil, foi assassinada em 1983 a mando de latifundiários locais, que continuam impunes. Tornou-se símbolo da luta das mulheres do campo no Brasil, e é em sua homenagem que as trabalhadoras rurais realizam, desde 2000, a Marcha das Margaridas.



Maria Margarida Alves

Elas sempre foram de luta!



Lélia Gonzalez (1935/1994)

“Fato de maior importância (comumente esquecido pelo Movimento Negro), era justamente da atuação das mulheres negras, que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do Movimento de Mulheres, reuniam-se para discutir o seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial, por outro pelo machismo não só dos homens brancos mas dos próprios negros... Nesse sentido, o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: a da solidariedade, fundada numa experiência histórica comum”

Nascida em 1935, em Belo Horizonte/MG, intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, histórica do movimento feminista, por sua luta contra a violência e discriminação da mulher. Destacou-se como militante do movimento negro, por sua atuação em defesa dos direitos da mulher negra. Sendo fundadora do Movimento Negro Unificado – MNU, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras no Rio de Janeiro e PCN-RJ, do NZINGA Coletivo de Mulheres Negras, do Olodum, tendo ainda, participado da primeira direção do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres.

Enquanto seus escritos refletiam sua preocupação em unificar as lutas gerais da sociedade, com as específicas dos negros, de modo especial das mulheres negras, sua atuação frente à situação dos excluídos,



Lélia Gonzalez



Elas sempre foram de luta!

das condições de vida digna, referenciada nas questões individuais e nas transformações sociais, pautava-se na necessidade da construção de uma sociedade solidária e fraterna. Isto, entretanto, exigia além do engajamento maior, na luta política, por parte dos excluídos, que estes também produzissem seu próprio conhecimento. Daí, sua dedicação aos estudos das culturas humanas, em especial, da cultura negra, da qual foi pioneira.

Caracterizou-se pela capacidade de criticar as ideologias e à hegemonia de dominação (de lógica machista, branca e europeia) grandes responsáveis, pela submissão do povo negro.

Enfim, sua luta pautou-se, sobre tudo, no combate ao racismo, e na promoção de igualdade de raça e de gênero.

Elas sempre foram de luta!



Angela Davis (1944)

“O racismo, em primeiro lugar, é uma arma dos ricos para aumentar seus lucros pagando menos aos trabalhadores negros pelo seu trabalho”

Militante do movimento negro norte-americano, nascida em 26 de janeiro de 1944, em Birmingham, Alabama, Estados Unidos. De origem humilde, Angela seguiu carreira acadêmica (foi aluna de Herbert Marcuse na Universidade Brandeis); mas, por ser filiada ao Partido Comunista Norte-americano, foi perseguida e proibida de dar aulas. Aproximou-se depois dos Panteras Negras, organização anti-racista, e foi presa quando as autoridades desencadearam a repressão contra o grupo, em 1970. É autora de livros sobre o movimento negro e o movimento das mulheres.



Angela Davis



Elas sempre foram de luta!



Mulheres Protestando – Di Cavalcanti

Carlos Latuff



Carlos Latuff



SINDSEP-DF MEMBROS DO CUT

Sindicato dos Servidores Públicos Federais no DF

Fundado em 28/08/87

Sede: SBS - Qd. 01, Bl "K" - ed. Seguradoras,
16º e 17º andares - CEP 70.093-900 - Brasília/DF

Tel.: (61) 3212-1900 - Fax.: 3225-0699

E-mail: geral@sindsep-df.com.br - www.sindsep-df.com.br

Siga-nos no Twitter (@sindsepdf) e [facebook.com/sindsepdf](https://www.facebook.com/sindsepdf)